

Resenha

Outra educação possível

MUÑOZ, César. 2004. *A Pedagogia da vida cotidiana e participação cidadã*. São Paulo, Cortez, 112 p. ISBN: 85-249-1023-2. R\$ 15,00

O governante, o político, é delegado do cidadão para reger a sociedade segundo os desejos do cidadão e, portanto, a atividade política tem como objetivo o serviço à sociedade, ou, pervertendo-se a ordem, é a sociedade que tem de estar a serviço da autoridade? (Muñoz, p. 59).

Hoje temos quem nos governa, quem decide por nós, porém não existe uma lógica para saber o que a sociedade necessita. Existe a escolha do que deve ser realizado, que não corresponde necessariamente àquilo que as pessoas precisam. Partindo da pergunta que Muñoz faz em seu livro, podemos ter uma noção da sua preocupação quanto à educação, cidadania e política. Segundo ele, o cidadão precisa ter de volta o poder da cidadania e a participação que se perderam ao longo dos anos. O autor coloca dois exemplos muito ricos de trabalhos realizados em São Paulo que visam à participação democrática através de crianças e adolescentes.

Muñoz analisa o desafio de se trabalhar com crianças e adolescentes através de uma pedagogia concreta, propiciando-lhes participar ativa e diretamente da sociedade em que estão inseridas e ajudando-as a perceber e buscar a valorização da vida, pois é na vida cotidiana que sentimos, pensamos, refletimos e realizamos ações. Ela é o espaço no qual damos sentido ao nosso “corpo”. Fazer da

vida cotidiana um objetivo para melhorar o mundo pode ser uma utopia, mas sem a utopia não se ultrapassam os limites de uma sociedade, e, se essa busca for provocada desde cedo nas pessoas, os desejos e interesses terão objetivos de mudança.

O autor cita os CEUs (Centros Educacionais Unificados) e o OP Criança (Orçamento Participativo Criança) como projetos que deram e estão dando certo em São Paulo. O CEU é um lugar onde se propõe um outro tipo de escola, um espaço onde se deseja promover a cidadania das crianças e adolescentes, integrando escola e comunidade e vice-versa; onde haja uma “ciência educativa” com a utilização do teatro, da dança, da música, da arte e da informática, para que elas possam participar de atividades diferentes das que já realizam no seu dia-a-dia. É uma experiência que deixa de lado o conceito que se tem de escola, de “não-educação”. Espera-se destes jovens propostas novas, para que existam cidadãos e cidadãs que lutam por uma sociedade mais justa, onde desejam viver.

O OP Criança é o outro trabalho realizado com crianças e adolescentes, que participam de decisões sobre obras e serviços das escolas municipais. O que se pretende, na visão de Muñoz, é que a criança e o adolescente que estão participando de atividades como esta futuramente saibam como opinar e participar de decisões mais importantes. Somente quem “participa do presente será o futuro”. Ou seja, procura-se um aprendizado onde existam a ação e a participação da criança e do adolescente, com o auxílio do adulto. Forma-se assim uma relação em que todos aprendem e ensinam.

294

Entra, então, o “desde-com” que o autor coloca como um ponto fundamental nessa relação de participação, política e educação. Desde, trazendo a idéia, a dúvida, o desejo, o medo, o erro da criança e do adolescente; com o apoio das idéias, críticas, desejos, dúvidas do mundo adulto, ou seja, desde a criança com o auxílio do adulto, pois o adulto serve como referência para os mais novos. Se existir essa relação, dar-se-á um passo para a mu-

dança da cidadania, educação e política tão esperada e almejada pela população nos dias de hoje.

O autor apresenta também sugestões de como organizar um projeto ou anteprojeto como estes realizados em São Paulo. O trabalho pode iniciar com os nove “cês”: comunicação, conhecimento, conflito, credibilidade, cumplicidade, colaboração, compromisso, co-responsabilidade e constância, que foram definidos por Muñoz após confrontos entre as pessoas com as quais se relacionava e a relação que elas tinham com ele em sua vida cotidiana. Segundo ele, se forem realizados os nove “cês”, torna-se mais fácil iniciar as etapas do projeto, pois a pessoa traz a vivência para o local de trabalho (os “cês”).

As etapas são o segundo passo do projeto. São elas: a *informação*, a *opinião*, o *planejamento*, a *decisão*, a *gestão* e a *avaliação*. Através da informação e opinião as pessoas se comunicam, expressam os seus conhecimentos, sua credibilidade, cumplicidade e colaboração em relação ao assunto que está sendo tratado e a si próprias. O planejamento refere-se ao que fazer a partir da informação. Através da decisão define-se o que fazer com o que foi planejado. É quando surge o conflito, pois cada participante quer a sua idéia executada. A gestão trata de realizar o que foi informado, planejado e decidido. A última etapa é a avaliação, em que todos os “cês” estão presentes e se avalia o que foi realizado. As etapas são um processo de participação na vida de cada ser humano e na vida social, onde todos participam e decidem para a melhoria do que precisam.

Essas etapas e os “cês” são tanto um caminho para a elaboração de projetos, quanto uma metodologia de ensino da participação cidadã. Os projetos com crianças, adolescentes e jovens são um espaço no qual suas idéias podem ser aceitas, debatidas e questionadas, contribuindo para fazer uma “outra escola”.

Estas iniciativas da Secretaria de Educação do Município de São Paulo são uma estratégia bastante forte para começar a mudar e melhorar o mundo através de crianças

e adolescentes. Um trabalho semelhante a este, realizado em Porto Alegre (OP/POA-1989), passou a ser chamado de Escola Cidadã. É um projeto de participação popular no qual crianças participam das decisões de suas escolas. A partir da experiência da Frente Popular em Porto Alegre, o governo decidiu realizar este trabalho em todo o estado do Rio Grande do Sul (1999), através do OP (Orçamento Participativo). As crianças, porém, não tinham participação na tomada de decisões, mesmo estando presentes nas reuniões. Eram feitas reuniões por região e por cidade, onde as pessoas decidiam o que a região precisava, de forma que o Estado e a sociedade civil buscavam, em conjunto, resolver os problemas das demandas. Não era o governo que decidia em gabinete, mas a comunidade votava no que precisava ser melhorado.

A formação dos cidadãos e cidadãs desde criança pode significar o início de um outro mundo, onde possa existir responsabilidade compartilhada. Com o OP Criança a participação é aprofundada e ampliada. Quem melhor para opinar no “agora” senão aqueles que farão parte do “depois” ou do futuro? Assim, as crianças e adolescentes ainda podem proporcionar aos adultos um aprendizado de lealdade e compromisso com os outros.

Este livro apresenta idéias importantes para quem se preocupa com a cidadania e a política na educação, pois são dados exemplos de como se pode iniciar um projeto a partir dos interesses e dos desejos da juventude, que, por sua vez, têm sua origem na necessidade ou em algum problema da sua vida cotidiana. São iniciativas que podem ajudar a resolver as angústias e os medos dos jovens em um “espaço-tempo de qualquer lugar do mundo” (Muñoz, p. 99), ou seja, o projeto pode ser realizado por qualquer pessoa em qualquer lugar, desde que haja uma proposta que se coloque na busca dos resultados com os jovens e as crianças.

Marília Kley
Bolsista de Iniciação Científica- FAPERGS